

Circulação crítica de *Profissão Repórter*. análise de comentários em *blogs*

Eloísa Joseane da Cunha Klein

Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Mestre em Ciências da comunicação pela Unisinos. Especialização em Humanidades pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí). Graduação em Comunicação Social – Jornalismo pela Unijuí.
E-mail: eloisa_klein@yahoo.com.br

Resumo: Em contexto de midiatização da sociedade, o acúmulo de conhecimentos produzidos ao longo da experiência com a mídia permite o tensionamento aos modos como nos relacionamos com e através da mídia. Alguns aspectos deste tensionamento podem ser recuperados pela análise de casos empíricos, que reúnem fragmentos da circulação crítica da mídia, que é cotidiana, porém dispersa. Com a finalidade de discutir aspectos de circulação comunicacional e crítica midiática, o artigo analisa comentários e discussões realizadas em *blogs* sobre o programa televisivo *Profissão Repórter*. Analisando as falas sobre *Profissão Repórter*, temos em conta a reflexão acerca dos modos como a televisão tem sido assistida e comentada, na ambiência digital. Este recorte nos permite observar a formação de competências midiáticas e o acionamento da mídia para a reconfiguração de espaços de discussão do cotidiano social.

Palavras-Chave: dispositivos interacionais; circulação; *Profissão Repórter*.

Abstract: In the context of mediatization of society, the accumulation of knowledge produced through the experience with the media allows us to provoke tensions on the ways we interact with and through the media. Some aspects of this tension can be recovered by analyzing empirical cases, which bring together fragments of critical circulation of the media, which is ordinary, but dispersed. In order to discuss aspects of circulation and media criticism, the article analyzes comments and discussions in *blogs* about the television program "*Profissão Repórter*". Analyzing comments on the program "*Profissão Repórter*", the text reflects on the ways in which television has been watched and commented on digital ambience. This cut allows us to observe the formation of media skills and the activation of media to the reconfiguration of spaces of everyday social discussion.

Keywords: interaction gadgets; circulation; "*Profissão Repórter*".

Dispositivos interacionais, comunicação e circulação crítica

O trabalho crítico sobre a mídia é tentativo, experimental, desenvolvido em episódios comunicacionais – que realizam os dispositivos interacionais socialmente produzidos na experiência vivida e nas práticas sociais (BRAGA, 2011). A circulação sobre a mídia está presente na experiência social contemporânea e atua na reconfiguração de dispositivos interacionais, no contexto da sociedade em midiatização.

Em nossas interações cotidianas, acionamos o conhecimento que construímos cotidianamente em processos intersubjetivos: no presente, mas envolvendo passado e noção de futuro, em um local e com algumas pessoas e objetos, mas

envolvendo informações e memórias de outras pessoas, lugares e objetos (BERGER; LUCKMANN, 2008). Contemporaneamente, os processos midiáticos (referentes a todo tipo de mediação) atravessam nossas experiências. Estes processos midiáticos foram desenvolvidos ao longo de séculos (e, particularmente, desde o século XX) envolvendo práticas de informação, entretenimento, relações sociais em função do romance, do jornalismo, da comunicação de massas, das tecnologias digitais – configurando-se em função da presença física da mídia, modos de uso, características e práticas discursivas.

A sociedade midiaticizada se caracteriza por um acúmulo de conhecimentos e de experiências relativas a estas práticas, de tal sorte que passa a acionar saberes e fazeres midiáticos nos mais variados processos sociais. Como os processos sociais são constituídos pelos modos de interagir da sociedade, entendemos que se processam mudanças na própria experiência cotidiana da mídia. Entendemos, assim, a mídia como parte da sociedade e os circuitos da circulação midiática como parte de um fluxo contínuo, invocando os aspectos relacionais da comunicação.

Desde as décadas finais do século XX, os estudos em recepção procuram “entender o lugar do receptor no processo comunicativo a partir da perspectiva da sua atividade”, “procuram dar conta da ‘relação’ entre os meios e os receptores a partir da negação de que essa relação seja de mero ‘efeito de uns sobre os outros’” (GOMES, 2004:16). A investigação e concepção da recepção são diversificadas, mas, de modo geral, trata-se de pensar além do modelo matemático da comunicação, superando-o em suas insuficiências, e complexificando a compreensão sobre as atividades dos receptores, concebendo o processo comunicativo em termos relacionais.

Ao estudar a recepção, procura-se entender os sentidos construídos pela audiência – que muitas vezes se apresentam em diversidade, o que caracteriza sua atividade sobre a mídia. “Acredita-se que os telespectadores estabelecem suas próprias significações, [...] em vez de receber passivamente os significados previamente construídos em outros momentos do processo comunicativo” (GOMES, 2004: 174). O receptor, ou o leitor, o telespectador, são “sujeitos sociais”; “têm uma história, vivem em uma formação social particular” e “são constituídos por uma história cultural complexa que é ao mesmo tempo social e textual” (GOMES, 2004: 175).

Há “dispositivos socialmente gerados” (BRAGA, 2006: 40) que trabalham esta recepção midiática, nas conversas cotidianas, nas instituições, nos círculos sociais, nas redes sociais na internet. As variadas proposições que circulam na mídia também circulam socialmente, muitas vezes constituindo atividade crítica, seja porque tensionam “processos e produtos midiáticos, gerando dinâmicas de mudança”; seja porque exercem “um trabalho analítico-interpretativo, gerando esclarecimento e percepção ampliada” (BRAGA, 2006: 46). Entre outras dinâmicas, estas críticas observam a mídia desde critérios definidos pelos processos sociais, analisam especificidades de produtos e processos midiáticos, desenvolvem ações de interpretação e competências.

O produto midiático não é necessariamente o ponto de partida para a circulação comunicacional – ainda que se considere a repercussão de temas ou modos reflexivos instituídos pelo produto em si (BRAGA, 2011a). A comunicação midiática se caracteriza como fluxo contínuo de informações, ideias, práticas comunicacionais, expectativas, que circulam não como “ida-e-volta entre participantes” (quando o emissor fala e o receptor devolve um retorno), mas por “um fluxo comunicacional *contínuo e adiante*” (BRAGA, 2011b: 6 – grifos do autor).

Entre outros circuitos acionados pela mídia, alguns têm a ver com seu modo de funcionamento, suas operações, sua dinâmica de inserção na sociedade. A internet tem se apresentado como um lugar privilegiado para falar sobre os processos produtivos da televisão. Há uma fala advinda da própria televisão, com apresentadores, produtores, jornalistas, editores, atores. Desta fala advém informações sobre estética televisiva, cenografia, tempo e rotina produtiva. Em algumas destas falas sobre a TV, com pessoas da TV, ocorre crítica midiática, por vezes ainda limitada a consideração da televisão como meio menor e populesco, que não pode oferecer programas mais “inteligentes” por ausência de público para tais produções. Há ainda a fala de pessoas de outros campos sociais, que não o midiático, além de relatos, depoimentos, análises, comentários, debates e discussões entre os espectadores.

Parte das críticas que circulam na internet não oferecem muitos elementos concretos da televisão, consistindo em afirmações abstratas, com frases de efeito sob as quais se enquadram exemplos alegóricos que podem ser associados com algum programa (e não com um programa especificamente), de maneira pouco rigorosa. Alguns textos sobre a televisão na internet preservam um caráter especulativo e de cunho moral (dada a impossibilidade de confrontar dados para embasar uma opinião argumentada). Alguns comentários comparam a televisão com a internet – que seria muito mais ampla, democrática e possibilitaria que as pessoas discutissem as coisas ruins que existem.

Porém, há uma diversidade de comentários, relatos de experiências, textos analíticos, discussões em mídias sociais que permitem analisar como as pessoas estão interagindo com a mídia, particularmente quando buscamos encontrar, entre os processos difusos de discussão da mídia, elementos referentes a programas específicos. Comentários que tratam de programas específicos tendem a priorizar aspectos pontuais, discussão de abordagens temáticas, tipo de acionamento de fontes, formas de realização de gravação e entrevistas, características estruturais, lógicas de pertença à TV.

Em pesquisa recente, analisei a circulação social do programa *Profissão Repórter* através de três movimentos analíticos: primeiro, uma ampla observação do que as pessoas, em geral, falam sobre o programa, em diferentes tipos de ferramentas e de espaços na *web*: *blogs*, comentários de notícias, replicação de conteúdo midiático, sistemas de busca para baixar as reportagens exibidas, textos críticos que chegam a ser publicados num espaço específico de crítica da mídia: o Observatório da Imprensa. Num segundo movimento, analisei comentários no *Twitter* pelos quais foi possível acionar informações sobre como as pessoas tratam sua relação com o *Profissão Repórter*. Num terceiro movimento analítico, tomei em consideração o conteúdo – e também as formas – de participação no *blog* do programa para comentar uma edição específica, que suscitou um intenso debate no *blog*, com a inserção de novo material audiovisual, pelo programa, para atender as demandas ali levantadas.

Neste artigo, apresento a síntese do primeiro movimento analítico, que permite o acesso a dados sobre uma ampla circulação do programa televisivo *Profissão Repórter*, com o que podemos ter alguns indícios da relação da mídia e dos espectadores com o programa em contextos de vivências em ambientes digitais. Os comentários foram localizados por rastreamento por palavras-chave, seguindo diversas combinações. Resultados que apontam para divulgação de link e repetição do texto do próprio programa são considerados para uma descrição de ocorrências comuns. Comentários, análises e trocas de ideias sobre o programa são analisadas na perspectiva de observar lógicas transversais e especificidades com relação ao que se diz sobre *Profissão Repórter*, onde e como.

Circulação midiática de *Profissão Repórter* na internet

O *Profissão Repórter* circula na mídia através das entrevistas concedidas pelo coordenador, Caco Barcellos, em jornais, revistas, sites – outras emissoras de televisão, mas neste caso especialmente, as públicas. O teor das perguntas é geralmente sobre contato com os jovens, tipo de pautas, características da produção das reportagens (comparando quadro do Fantástico e programa independente). Cristina Padiglione, em matéria no jornal O Estado de São Paulo, brinca:

Onde já se viu programa jornalístico render boa audiência depois das 23 horas, sem âncora que bote dedo em riste, sem cenas de apelo erótico ou violento, sem denunciismo, feito por um bando de novatos mal saídos da faculdade e ainda disposto a subverter alguns dos preceitos mais consolidados da profissão? (OESP, 2009, *online*).

Nos jornais e sites de notícia, o *Profissão Repórter* é anunciado como parte da programação televisiva, sendo o lead das reportagens apresentado antecipadamente a cada uma das edições:

O “*Profissão Repórter*” desta terça-feira (8) mostra o sucesso de anônimos que ficaram famosos pelos vídeos que postaram na internet. A repórter Paula Akemi segue para o Piauí para acompanhar a gravação do novo clipe de Stefhany Absoluta. A moça ganhou notoriedade quando gravou um vídeo caseiro com a música “Eu Sou Stefhany”. No clipe feito em 2009, ela dirige seu carro pelas ruas de Inhumas, no interior nordestino, e desde então virou fenômeno instantâneo na internet com mais de um milhão de acessos. Agora, Stefhany, que é uma ex-lavradora, sustenta a família com seus shows (UOL Entretenimento, 2011).

É comum também que índices de audiência sejam associados ao sucesso do programa, considerando-se a média de 20 pontos de audiência apesar da faixa de horário em que vai ao ar. A presença da *hashtag* “#profissaoreporter” também leva o programa a ser tratado por outras mídias. Outro assunto que frequentemente faz com que o programa seja tematizado como notícia são as consequências de determinada cobertura, como a reportagem sobre paparazzi, em que houve uma extensa rede de circulação de notícias envolvendo as reações da atriz Luana Piovani e do diretor Boninho ao conteúdo da edição do programa. Muitos são os *blogs* que se dedicam mais a noticiar o conteúdo da TV, incluindo *Profissão Repórter*, que fazer comentários, difundir opiniões sobre a notícia, fazer enquetes ou consultas, emitir juízo de valor¹. Há um *blog* chamado *Profissão Repórter HD (high definition)*, onde se encontram todos os episódios do programa para download, com 12 mil acessos ao final de 2011.

Entre os principais padrões de circulação de notas, comentários, fotos e vídeos de *Profissão Repórter* estão: (1) divulgação da notícia enviada pelo portal G1 e redação de *Profissão Repórter* em vários sites, portais de notícia e conteúdo de todo o Brasil e também em *blogs*; (2) comentários sobre o conteúdo do programa em colunas vinculadas a portais de notícia; (3) comentários sobre a estrutura do programa ou o tema e o tipo de abordagem em *blogs*; (4) divulgação do *link* para baixar o programa; (5) enquetes e comentários sobre preferência comparando com o programa televisivo *A Liga*, que vai ao ar pela *Band*, no mesmo dia e faixa de horário; (6) comentários em sites de fofoca; (7) comentários em redes sociais, com circulação de pautas, temas e frases pelos próprios telespectadores.

A divulgação das informações enviadas pelo portal de notícias G1 é reproduzida por centenas de outros sites. Com trecho de frase contendo o nome da repórter, a ação que executava – referente a momento clímax da reportagem (“A repórter

¹ É o caso do www.blogohada.com, do <http://suadicaonline.blogspot.com>, www.fabiotv.com.br, <http://noticiasdatvbrasil.wordpress.com>; <http://profissaoreporterhd.blogspot.com>.

Eliane Scardovelli acompanha o momento em que Luana, uma detenta de 21 anos...”), o sistema de busca *Google* encontrou 127 resultados, cujos *links* direcionavam a sites de emissoras vinculadas à rede *Globo*, sites regionais, *blogs* e sites especializados na área de segurança pública e direito. Com trecho de reportagem com forte apelo ao público jovem (frase: “O repórter Thiago Jock registra cerca de 50 trocas de beijos em menos de meia hora”), o sistema registrou 287 resultados em 30 segundos, com uma curiosidade: a maioria dos *links* possibilitava que o programa fosse baixado para o computador. Pela utilização do nome do programa associado ao título da edição, o sistema de buscas localizou mais de sete mil resultados – dentre aqueles destacados nas primeiras páginas de pesquisa a maioria estava relacionada à busca, com algum nível de dispersão, dada a generalidade do assunto tratado na frase.

Os primeiros *links* estavam vinculados ao portal G1, ao próprio *blog* do programa e continham a divulgação e o *link* para assistir o programa *online*. Em seguida estavam disponibilizados os *links* para acesso dos vídeos (parte 1 e parte 2 do programa) no *YouTube*. Depois vinham *links* que direcionavam para sites ou *blogs* dos quais era possível baixar o programa – em alguns deles classificado como “série”. Os *links* para assistir o programa também foram divulgados em sites sobre encontro de casais e sexo.

Alguns sites e *blogs* divulgam sempre ou com boa frequência as atualizações sobre o que vai ao ar no programa *Profissão Repórter*, como o www.noticiasdatvbrasileira.com.br, que geralmente repete o conteúdo emitido pela redação do *Profissão Repórter*; ou o www.dignow.org, diretório de *blogs*, que adapta o conteúdo, ao invés de manter a notícia emitida pela redação. Por exemplo, no programa chamado “Tudo por um filho”, o *Dignow* prioriza a história de Sarah, uma das personagens escolhidas para refletir sobre a temática. A menina vivia uma disputa de guarda pelos pais e havia sido levada pela mãe sem o consentimento do pai, que tinha a guarda:

Nesta terça feita o *Profissão Repórter*, trará 03 histórias incríveis sobre: ‘O que os pais são capazes de fazer pelos filhos’, uma dessas histórias é a da menina Sarah. assista a chamada do programa: PROFISSÃO REPÓRTER: TUDO POR UM FILHO: O *Profissão Repórter* traz a história da menina Sarah, que já comentamos aqui no *Blog*. (DIGNOW, 2011 – *online*)

Boa parte das referências a *Profissão Repórter* são feitas por *blogs*, que tanto disponibilizam vídeos, como, em alguns casos, publicam notas ou textos refletindo sobre temas abordados no programa ou sobre a própria estrutura e dinâmica de *Profissão Repórter*. Estas postagens costumam ser comentadas por usuários, com o que é possível observar aspectos da circulação de *Profissão Repórter*, particularmente nas mídias sociais.

Profissão Repórter* comentado em *blogs

Entre os comentários sobre *Profissão Repórter* em *blogs*, boa parte faz referência ao texto publicado no site do programa ou sintetiza aspectos da abordagem de algum tema. Sobre esta referência são adicionados comentários de acordo com interesses específicos, muitas vezes relacionados com a atividade profissional, com a cidade, com o estado tratado na reportagem. Como exemplo, pessoas ligadas à arte contemporânea discutem abordagem do trabalho de grafiteiro, fotógrafos discutem edição sobre fotografia, moradores do Maranhão discutem sobre modos pelos quais o estado é enfatizado: “Esta é a realidade do interior maranhense: caos total na segurança de tráfego, principalmente com relação à moto, já que a maioria não tem habilitação e capacete é peça desconhecida”.

Algumas pessoas reforçam dados da reportagem: “A cidade de Santa Rita tem cinco vezes mais motos do que habilitados. Um cidadão até que confessou não saber ler e pilota há 3 anos”; “Em Rosário, foi destacado o ataque ao Fórum da cidade, cujos funcionários estão em greve, onde processos e a toga da juíza foram jogados no Rio Itapecuru em maio”.

Em algumas situações, o comentário inicial sobre o programa se desdobra em considerações sobre o tema, como no caso da edição sobre a rotina de juízes que sofreram ameaça de morte. Os comentaristas levantam questões como o valor do salário dos juízes (valor suficiente ou insuficiente, tipo de atuação dos juízes) e tipo de enquadramento da reportagem. O programa chega a ser pensado com relação à sua característica de abordagem e à atuação de Caco Barcellos, o que ocorre, por exemplo, com o acionamento do argumento de que o programa acolhe denúncias de violência policial, o que frequentemente é interpretado como apoio a bandidos.

A maioria dos comentários está relacionada ao tipo de vivência social e com a mídia – sendo possível identificar casos de negação da validade do trabalho midiático ou compreensões abrangentes sobre a mídia e as relações estabelecidas com as realidades tratadas. Este exemplo reúne estes dois aspectos:

ontem, numa noite insone, fiquei acompanhando a programação da Rede Globo. Só consigo assistir à Globo ou qualquer outro canal após às 22 horas, que é quando o nível de bobagem já diminuiu um pouco. Desta vez fui surpreendido por um programa que nunca tinha visto, o tal "Profissão Repórter", que é comandado pelo Caco Barcellos. É um programa jornalístico onde o experiente repórter da Globo comanda uma equipe de três profissionais recém formados que vão atrás da notícia na hora em que ela acontece, no melhor estilo "Aqui & Agora", mas com uma profundidade jornalística bem superior. Ontem o programa mostrou o "lado B" da tragédia das chuvas no Rio de Janeiro e Niterói, com o drama da busca pelos corpos nos escombros dos desabamentos e a luta das famílias no IML para a liberação dos mesmos. Como sempre, os serviços públicos, nesse caso, defesa civil e o corpo de bombeiros, mostraram os dois lados da moeda: despreparo e dedicação no atendimento às vítimas.

O tom da reportagem, apesar de mostrar cenas muito fortes e emocionantes, ficou longe do sensacionalismo. Em dado momento a jovem repórter fotográfica até disse que teve que desligar a câmera, em respeito ao sofrimento das pessoas. Louvável.

Nos *blogs*, boa parte da discussão é centrada nos temas das reportagens. Mas é frequente que, ao discutir o tema, sejam acionados aspectos da abordagem jornalística: tipo e variedade de entrevistados, ênfase para um aspecto ou outro, críticas ao tipo de ênfase dada. E, nesta ação, os comentários à postagem inicial podem gerar um debate que flui entre tema (e tipo de vivência de cada comentarista) e abordagem do programa.

o programa Profissão Repórter, da Rede Globo, está se especializando em mostrar as mazelas do Maranhão em rede nacional. O programa já havia mostrado os problemas dos juízes que sofrem risco de vida no Estado e o problema dos meninos maranhenses que foram para São Paulo com o sonho de ser jogador de futebol e acabaram sendo acolhidos pela fundação Criança, em São Bernardo-SP. Desta vez, o tema foi motocicleta, e como, por aqui já sabíamos, o interior do Estado é “terra sem Lei” em se tratando de condução de motos.

A reflexão sobre a abordagem de temas pelo programa mescla um conhecimento cotidiano do programa e saberes oriundos dos lugares de fala dos comentaristas. A edição que tratou dos problemas no atendimento de emergência em vários hospitais do Brasil teve tópico específico em comunidade sobre o Sistema Único de Saúde (SUS) no Orkut. A discussão inicia com tópicos acionados pelo *Profissão Repórter* e expande-se para comentários sobre a estrutura do SUS, com elogios à abordagem de Caco Barcellos e equipe; críticas e elogios ao sistema e muitas abordagens técnicas, amparadas em argumentos ou explicações sobre o funcionamento da estrutura do SUS, possivelmente feitas por pessoas que trabalham no setor.

Outro exemplo de como grupos específicos acionam abordagens televisivas em suas próprias discussões é o debate gerado em torno de uma postagem sobre a edição especial de *Profissão Repórter* que tratou das motos, num *blog* de motociclista, que reúne pessoas com esta identificação. A edição do *Profissão Repórter* acompanhou o processo de fabricação de motos em Manaus, o uso das motos em São Paulo (particularmente para os serviços de entrega e atividades cotidianas de escritórios, com a substituição do *Office-boy* por *motoboys*), no Rio de Janeiro (como as motos são usadas por moradores de favelas para acessar regiões de difícil acesso, entre vielas estreitas e no alto do morro, onde carros e ônibus não chegam) e em regiões do Nordeste (em que a moto se coloca como alternativa de transporte para a população rural, substituindo os jegues e gerando um problema social: o abandono desses animais) – Caco Barcellos acompanha, ainda, o trabalho de brasileiros como *motoboys* em Londres, seu cotidiano profissional e pagamentos.

A postagem é crítica, considera que o programa explorou o lado ruim do uso das motos, por tratar dos acidentes dos motociclistas (Caco Barcellos faz espécie de enquetes com motoristas de motos estacionadas sobre quantos acidentes tinham sofrido) e chega a concluir que um acidente tratado (acidente que resultou na morte de um jovem, que iria vender a moto no dia seguinte para terminar a casa em que iria morar com a esposa) foi encenado.

O programa “Profissão Repórter” acabou de acabar, e como era esperado, falaram muito mais dos problemas do que das qualidades das Motos. Mostraram *motoboys* esfolados, briguentos, motos velhas e caindo aos pedaços, caos no trânsito e um acidente completamente encenado. No final, mostraram os brasileiros que trabalham em Londres, com motos 600cc (Bandit?), outro nível... Equipamento moderno, capacetes bons, Motociclistas educados, que tomam banho... muito diferente daqui.

Os leigos não percebem isso. Não conhecem sobre a diferença que os equipamentos fazem, nem a diferença entre os equipamentos usados pelos *motoboys* do Brasil e de Londres, não conhecem as capacidades de cada tipo de Moto. Para um leigo, todas as motos são iguais.

Comentários que sucedem a este mostram concordância com a angulação do tópico, enfatizando aspectos de funcionamento das motos, capacidade dos motores, velocidades atingidas, tipo de ambientação nas ruas, acesso a tecnologias no Brasil e na Europa, valores pagos nos dois lugares. Os comentaristas parecem conhecer-se uns aos outros, tratam-se com apelidos, referem-se a conhecimentos compartilhados.

No entanto, na sequência, há comentários de pessoas que se identificam como motoristas de moto em Londres, que oferecem dados sobre a atividade profissional na capital britânica – discutindo entre si (motoqueiros de Londres) questões de pagamento, trajetos percorridos, conversão de euros para reais (moeda europeia para brasileira), horas de trabalho, distâncias, moradias; destacam pontos de

confrontação com as posições levantadas pela postagem inicial e pelos primeiros comentadores, referem-se a elementos do programa – alguns identificam-se como parte do grupo que deu entrevistas para Caco Barcellos.

Quando eu e meus amigos decidimos gravar esta reportagem com a equipe do Caco Barcellos, não queríamos mostrar as vantagens de ser Motoboy em Londres que ser ai no Brasil... Nossa profissão é a mesma independente do país que vivemos.

Outra pessoa, que se identifica como motociclista, questiona o teor da postagem e de comentários, aciona um ângulo diferenciado, ao propor que todos pensem a reportagem dentro da reportagem, como proposta textual – e não a partir do que gostariam que fosse tratado a partir de suas experiências:

A reportagem teve os prós e os contras. Acho injusto reclamarem da apresentação do ‘melodrama’ do pai do rapaz da Falcon. Aconteceu oras, é uma coisa que acontece todo dia em SP, dói e destrói uma família, perder um filho desta maneira. Mas é um risco que se corre. Pq não poderia mostrar isso? Se isso acontece, tem que mostrar. Como tem que mostrar os motoboys folgados, e tbem os que não são. E isso foi feito. Aquele rapaz que trabalha de terno, roda 250km, deixa a filha na escola. na figura dele, mostraram o lado ‘correto’ dos motoboys. Mostraram os folgados tbem e não adianta negar, sabemos que existem aos montes. pq não mostrar tbem? Os motoboys de londres. tudo muito lindo, muito bonito, mas eles são famosos por lá, pq são rápidos e só o são, pq andam desrespeitando o trânsito tbem, como deu pra ver em algumas cenas. Vida difícil a deles, apesar de que bem melhor que por aqui. Vamos deixar o ‘bairrismo’ de lado e parar de reclamar que motociclistas e/ou motoqueiros foram injustiçados. Não se esqueçam, que a matéria não foi para falar das motos e a solução ou problema que elas representam. Era uma reportagem pra mostrar a vida de quem TRABALHA e FAZ O SUSTENTO de sua vida, em cima de uma moto. Tirando os acidentes encenados, a reportagem foi correta neste sentido. As reclamações que andei lendo aqui no *blog*, até seriam justas se o foco da reportagem fosse outro. Tá faltando entender primeiro, o que se está assistindo. Ahh, mostraram aquele portuga filho de uma mãe reclamando e preocupado com o carro apenas. Isso acontece a todo momento, é a realidade. Taxista que acha motoboy uma praga tbem, é o que mais tem, e mostraram isso tbem. Repito, o foco da matéria era mostrar como e difícil a vida de quem sobrevive ou tenta sobreviver em cima de uma moto diariamente. Não era sobre as motos, problemas ou soluções que elas representam. Sou motociclista tbem, mas não compro a ideia de que somos injustiçados sempre, e nem que fomos nesta matéria.

O comentário caracteriza-se como crítica analítica da mídia: esmiúça detalhes da reportagem, retoma, tópico por tópico, cada uma das abordagens realizadas, com os variados personagens envolvidos. Sintetiza o argumento da reportagem, sinalizando os desvios de interpretações que não consideram o objetivo no desenvolvimento da discussão. Além disso, parece interessante notar como este comentador observa uma constante crítica da mídia como “sensacionalismo”, a abordagem da morte. O comentador analisa, também, o cotejo da personagem com o contexto – todos estes níveis que mostram um interessante domínio tanto das práticas, como das linguagens, como também da repercussão crítica da mídia.

Este tipo de comentário analítico é comum entre pessoas que, por alguma razão, parecem observar com interesse analítico o funcionamento da mídia, de forma geral. Em postagem publicada no site revista.com, comentadora analisa *Profissão Repórter* em relação a outros programas de reportagem: “para quem estava acostumado ao velho ciclo vicioso estilo Globo Repórter, deve ter sido uma grande surpresa ninguém ter mencionado a importância de se alimentar bem ou

as constantes viagens com destino às matas virgens de sei-lá-onde”. Na sequência, analisa características específicas do programa e comenta a importância das reportagens serem assistidas e comentadas pelo público jovem, chegando aos *Trending Topics* do *Twitter* no Brasil:

o programa comandado por Caco Barcellos já passou por uma ou outra reformulação em tons sutis. Antes, havia um tom mais professoral, em fazer não apenas o seu time de repórteres mas também os telespectadores entenderem o que era feito ali. Agora atende a algo sutil, talvez uma questão de atender público-alvo mais amplo, porém foram mudanças que vieram para o bem, tornando-os mais próximos às suas histórias, aperfeiçoando o que já parecia impecável. (...) Na última edição, ao falar sobre a relação dos jovens com o álcool, ele teve repercussão suficiente entre os usuários da rede a ponto de ser digno de nota e tal movimento até mesmo ser considerado uma tradição, como foi citado no site *Comunique-se*. (NAJJAR, 2011 - *online*).

A análise mostra conhecimento sobre o programa, o que torna possível comparação entre níveis variados de diferenças, algumas estruturais, outras estéticas, no desenvolvimento do programa. Entre pessoas que circulam no âmbito acadêmico, os comentários são frequentemente amparados em dados de pesquisa:

Estou assistindo o *Profissão Repórter* que está passando as “Celebidades da Internet”. Me lembrei de Rene De Paula que fala em suas palestras sobre o crescimento da classe C na internet, pois o programa mostra a criatividade das pessoas com uma filmadora, acesso à internet e o Youtube. Veja um trecho da matéria e alguns vídeos.

Proponho uma reflexão sobre como muitas vezes temos preconceito com o “brega”. O próprio Chris Anderson -- editor da *Wired* e autor dos livros *Cauda Longa* e *Free* -- O futuro dos preços -- cita a Banda *Calypso* e o *Tecnobrega* do Pará.

Observa-se uma característica analítica de mídia que denota frequência de contato ou mesmo observação e também procedimentos recorrentes de análise crítica (considerando-se a capacidade de síntese e análise conceitual, com níveis de abstração) em muitos comentários – não sendo possível distinguir sempre entre membros do campo acadêmico, jornalistas e outras pessoas – até porque pessoas do campo político costumam interessar-se por tópicos e práticas jornalísticas, acionando características específicas do campo jornalístico – e de programas, jornais, revistas, em seus comentários. É o caso desta postagem, feita por militante político, que indica que seja vista a edição sobre protestos no mundo, de *Profissão Repórter*, que trata da “essência do jornalismo” como ligada à reportagem:

Há muito, que para mim este programa é o melhor jornalístico da TV brasileira, pois vai à essência do jornalismo, ou seja: a reportagem. Não é por acaso, pois é comandado por Caco Barcelos, um dos melhores jornalistas do país.

Afora a qualidade geral, acima da média, esta edição em particular traz um tema relevante, que são os protestos anticapitalistas e a primavera árabe.

Me chamou atenção também, a cena com brasileiros no aeroporto de Guarulhos que moravam na Europa e estão voltando ao país, pois é aqui que estão as oportunidades. (...) Contrasta com a juventude grega, com diploma universitário na mão ver a perspectiva de futuro em outro país (VALDOSKI, 2011 - *online*).

A circulação da crítica midiática é frequentemente ativada pelo campo político, ainda quando produzida no próprio âmbito midiático. Este foi o caso da repercussão em todas as redes sociais da entrevista de Caco Barcellos na *Globo News*, sobre a “marcha contra a corrupção”, que acompanhava, no Rio de Janeiro. Da ação de cobertura televisiva da marcha, Caco Barcellos havia formado um posicionamento crítico, construído sobre a argumentação de que havia encontrado naquela marcha pessoas que estavam protestando em outras cidades ou estados, com outros motivos; além de ter observado um público mínimo, que avaliava, à época, em torno de duas ou três mil pessoas. Isso o fez considerar que era um movimento que mais falava sobre si do que se realizava de fato.

Comparando sua observação com a cobertura midiática da marcha, Caco Barcellos analisa criticamente a argumentação da jornalista Eliane Catanhede, na realização de sua pergunta (de que 2011 era um bom ano para o Brasil em função de a mídia ter atuado na denúncia de desvios de funções públicas), falando sobre a diferença entre denúncia e investigação. O comentário foi destacado no *blog* de Paulo Henrique Amorim e dali passou por listas de e-mails, *blogs*, redes sociais.

Além das temáticas, de forma geral, as personagens das reportagens mobilizam discussão por representantes de segmentos e campos sociais. Um blogueiro que comenta sua própria vida, descrevendo o *blog* como “diário de um T-lover”, amante de travestis, opina sobre a abordagem relacionada ao assunto em *Profissão Repórter*, afirmando-se como parte dos indignados com a postura da travesti Luana, personagem da reportagem de *Profissão Repórter* que bateu em um rapaz aparentemente drogado. O blogueiro descreve a situação tal qual aparece na reportagem, dizendo que o comportamento da travesti só reforça o preconceito – e critica a colocação da cena no ar como busca por audiência; além de observar uma aparente contradição no fato de o mesmo programa mostrar uma transexual professora de música numa edição e na outra a travesti batendo em um homem fora de si. À postagem sucederam-se vários comentários sobre a situação social dos travestis.

Acho que as matérias das travestis bem sucedidas, que tem emprego formal e que tem seu próprio empreendimento deveriam ser mais divulgadas não só na Globo mas em diversos canais da televisão justamente para tirar essa imagem “marginalizada” que as pessoas tem das travestis.

A ênfase humanista, criticada por alguns (por agregar pontos de vista, emoções de pessoas específicas, pela micronarrativa) é elogiada por outros, com base nos mesmos critérios, como faz a jornalista Cris Rodrigues, em *blog* chamado “Jornalismo B” (2011 – *online*):

A preocupação com a preservação das pessoas é constante. Da menina na rua que não quer que mostrem o rosto e o Caco Barcellos diz para o cinegrafista na mesma hora para abaixar a câmera à não-aproximação no enterro do menino gaúcho que foi morto pela mãe por causa da droga. Em todos os momentos, esse cuidado é explícito. A ponto de o repórter ter a autorização de mostrar a venda da droga, o tráfico, e, num dilema que qualquer jornalista entende, preferir ficar longe, acompanhar à distância porque isso é um crime, e ninguém ali queria prender ninguém. Aliás, falando em crime, foi muito bacana a forma com que a equipe não criminalizou o uso da droga. Os entrevistados foram tratados como qualquer pessoa, nenhum foi visto como criminoso. E ainda assim o programa foi pesado, denso. Porque a parte mais doída da história não é o reflexo para a sociedade, a violência, mas para a vida de cada usuário. E isso foi mostrado.

A jornalista considera como resultado direto da aproximação aos personagens o fato de o programa ter mostrado “a dificuldade no tratamento, mas sem taxar ninguém de fraco por ter recaídas”. E também reflete como consequência da aproximação do repórter Thiago Jock dos internados na clínica a qualidade da reportagem produzida (RODRIGUES, 2011).

Uma situação interessante, em termos de análise crítica de mídia, foi o comentário da médica da organização Médicos Sem Fronteiras cujo trabalho no Níger foi acompanhado pela equipe de *Profissão Repórter* (o programa foi ao ar em 20 de dezembro de 2011). Rachel Esteves Soeiro, que tem postagens regulares no site da organização, dedicou um tópico a seu primeiro contato com “a imprensa”, as descobertas, dificuldades, impactos na atividade profissional no momento em que se é acompanhado por uma equipe de TV.

Adoro falar, principalmente sobre o meu trabalho, mas na hora que via o microfone na minha frente, todas as minhas falas ficavam artificiais e tenho medo de não ter conseguido mostrar a profundidade e a importância do trabalho de MSF aqui. Só depois que eles já estavam aqui é que me dei conta de que é muita responsabilidade representar uma organização como MSF. E que isso seria mostrado para todo o Brasil.

Como nada acontece por acaso, a mala com os equipamentos deles não chegou e os coitados tinham apenas uma câmera e um microfone, sem muita memória. Assim, eles não conseguiram gravar nem metade do que tinham planejado. Apesar da falta de equipamento deles, para mim foi bem difícil conciliar meu trabalho no CRENI, o trabalho de supervisão dos médicos (teve dias que eles estavam uns amores e outros em que acordaram com vontade de discutir) e a gravação do programa sem atrapalhar muito a dinâmica do trabalho e sem que os funcionários do hospital pensassem que estávamos lá para brincar. Fico imaginando se eles tivessem todo o equipamento como teria sido. Acho que eles iriam querer ficar 20 horas por dia no hospital e o resto do tempo pegando todos os detalhes daqui de casa (MSF, 2011 – *online*).

Morando fora do Brasil e com conectividade limitada à internet, a médica escreveu sem ter visto a edição final do programa, ainda preocupada com as formas como seriam tratados os personagens da reportagem, especialmente o menino que havia se curado – cuja experiência ela narra com orgulho. No trecho destacado, observa-se a análise da característica do programa vista por alguém que dele participou: como o número de horas de gravação interfere na rotina do entrevistado.

Em texto no Observatório da Imprensa, José Alexandre da Silva analisa a abordagem das escolas de periferia. Na edição, repórteres entrevistaram alunos que estavam do lado de fora da sala em período de aula, professores com diferentes opiniões sobre o assunto. Foram entrevistados professores que estão em tratamento médico em consequência da violência nas escolas, uma professora que trabalha em três turnos para conseguir um acréscimo na renda e houve o acompanhamento de estudantes que tentavam se concentrar na aula, em meio ao ambiente tumultuado, dificuldade somada aos problemas da jornada de trabalho e estudo. A partir de interpretações sobre os ângulos de abordagem, Silva entende que:

as reportagens do programa não trazem nenhuma novidade. Infelizmente, professores sendo agredidos ou sendo obrigados a se afastar do trabalho com licenças médicas não constituem elementos novos no contexto das escolas. A abordagem desses problemas, afora o formato do programa, também não constitui nada novo. Infelizmente, diga-se de passagem, as reportagens se limitam a mostrar os problemas sem emitir uma opinião explícita, mas

implicitamente aderem à culpabilização dos professores pelos problemas das escolas (SILVA, 2011 – *online*).

Esse tipo de circulação crítica frequentemente faz circular informações midiáticas associadas a um modo interpretativo assumido por representantes de campos e segmentos sociais. Em *blog* vinculado a um grupo de jovens de Cuiabá, ligado ao site da Canção Nova, a oferta do texto da redação de *Profissão Repórter*, juntamente com o link para assistir o programa, é feita de acordo com uma proposta de leitura, com o título: “A ‘Caricatura’ de jovem que o mundo nos oferece”. O conteúdo geral do site ampara uma forma de redistribuir o conteúdo midiático amparado pela oferta da leitura da Igreja – ainda no sentido da religião como mediação, buscando filtrar o conteúdo de acordo com uma mensagem a ser interpretada.

Aspectos conclusivos

Entre os casos analisados, observamos uma recorrência (1) a elementos constituintes da matéria; (2) realização de crítica midiática, sob várias angulações, priorizando a relação da reportagem com o cotidiano social; (3) crítica midiática tendo em conta análise do funcionamento da mídia.

A síntese dos aspectos das reportagens acompanha a maioria das postagens, com objetivos diferenciados: ora visando agregar valor de opinião, ora visando qualificar uma crítica constituída, ora tratando do envolvimento desde seu lugar em algum campo ou segmento social – ou pelo relato de experiências semelhantes ou dissonantes das narradas. Entre os aspectos de síntese estão recorte de dados, de trechos de entrevista, de informações quantitativas e contextuais, quando a respeito de lugares abordados. Há uma diversidade nos tópicos tratados, que remete para a diversidade de opiniões sobre um tema, para a abrangência de possibilidades sinalizadas a partir de um produto midiático. Lugares habitados, profissão, experiências vividas, conhecimento de mundo, ação dentro de um campo social são mediações presentes no trabalho sobre a mídia.

Há frequente crítica sobre o tipo de abordagem, que partem do acúmulo de experiência e de saberes na ação em algum campo social ou a partir de experiências pessoais. A ocorrência de comentário crítico frequentemente desencadeia algum nível de debates, pautado no tema, na abordagem, na opinião sobre o assunto, na expressão de gosto pessoal, avaliação do programa, desdobramento de um tópico em outros. Atores de campos sociais tendem a associar o conteúdo a um tipo de análise interpretativa específica.

Alguns comentários desenvolvem análise do tema da reportagem com relação aos modos de funcionamento do programa, a pertença à televisão e ao trabalho do jornalista Caco Barcellos, principal mediador de *Profissão Repórter*. Este nível de análise denota uma relação cotidiana de assistir ao programa, de uma prática informacional e de entretenimento associada à mídia. Observamos, ainda, a circularidade de tópicos de crítica midiática levantados pela própria mídia.

Observamos tópicos suscitados por reportagens feitas pelo *Profissão Repórter*, o que parece ser o caso, particularmente, das observações produzidas por pessoas oriundas de contextos específicos, tratados nas reportagens, e que trazem aspectos diferenciados para pensar o assunto – em relação à proposta do programa. Igualmente podemos observar, a partir das características dos comentários, a inserção de tópicos do programa em grupos que constituem relacionamento prévio ao tópico do programa, como a comunidade do Sistema Único de Saúde e o *blog* dos motoqueiros.

Há comentários que fazem referências explícitas a características do programa e que cotejam análise do assunto abordado com análise da abordagem midiática do assunto. Este tipo de comentário permite que observemos circuitos que se desenvolvem ao longo do tempo, acionando características midiáticas para a compreensão da própria mídia. Isto sinaliza para competências social e midiaticamente construídas, que apontam para o acúmulo de saberes sobre a própria mídia, utilizados como referência para interações e elaboração de falas. A impregnação da experiência em local e tempos diretos com experiências midiaticamente vividas se revela com nitidez nas referências a outras reportagens, outras pessoas e outros lugares sobre os quais o conhecimento é obtido através da mídia.

Referências Bibliográficas

Berger, Peter; Luckmann, Thomas. *A construção social da realidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BRAGA, José Luiz. *A sociedade enfrenta sua mídia*. São Paulo: Paulus, 2006.

_____. *Mediações e Mediatização*. Circuitos versus Campos Sociais. São Leopoldo: Unisinos, 2011a.

_____. *A política dos internautas é produzir circuitos*. São Leopoldo : Unisinos, 2011b.

_____. Dispositivos interacionais. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Epistemologia da Comunicação, do *XX Encontro da Compós*, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, de 14 a 17 de junho de 2011. 2011c.

GOMES, Itania Maria Mota. *Efeito e recepção*. A interpretação do processo receptivo em duas tradições de investigação sobre os media. Rio de Janeiro: E-papers serviços editoriais Ltda, 2004.

Sites e *blogs* citados:

CORREA, Clodoaldo. Interior do Maranhão: sem leis para motos. *Blog do Clodoaldo Correa*. 16 de novembro de 2011. Disponível em: <<http://200.188.178.148/blogs/clodoaldocorrea/?p=406>>. Acesso em novembro de 2011.

COUTO, Anderson. A tragédia e a comédia brasileira. *Boteco do ganso*. Postado em 14 de abril de 2010. Disponível em <http://botecodoganso.blogspot.com.br/2010_04_01_archive.html>. Acesso em novembro de 2011.

DIÁRIO DE UM T-LOVER. *Diário de um T-lover*. Disponível em <<http://diariotlover.dihitt.com.br/>> Acesso em novembro de 2011.

DIGNOW. *O caso da menina Sarah no Profissão Repórter*. Disponível em: <<http://www.dignow.org/post/o-caso-da-menina-sarah-no-profiss%C3%A3o-rep%C3%B3rter-440308-95736.html>> . Acesso em novembro de 2011.

NA CRUZ COM CRISTO. A "Caricatura" de Jovem que o mundo nos oferece. *Jovens na cruz com Cristo*. Em 19 de julho de 2011. Disponível em: <<http://nacruzcomcristo.blogspot.com.br/2011/07/busca-pelo-prazer-imediate-move.html>>. Acesso em novembro de 2011.

NAJJAR, Emanuelle. Profissão Repórter. *Revista.com*. Disponível em: <<http://www.revistapontocom.org.br/artigos/profissao-reporter-2>> Escrito em 03 maio, 2011>. Acesso em novembro de 2011.

OKABE, Marcio. Profissão Repórter: “Celebidades da Internet”. *Marcio Okabe*. Postado em 9 de novembro de 2011. Disponível em: <<http://marciookabe.com.br/tag/profissao-reporter/>>. Acesso em novembro de 2011.

PADIGLIONE, Cristina. Mais do mesmo não vale. Bem na fita, 'Profissão Repórter' subverte regras e alcança olhar original com equipe jovem. *Estadão*. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/suplementos,mais-do-mesmo-nao-ale,415039,0.htm>>. Acesso em outubro de 2011.

RIBEIRO, Daniel. Reportagem sobre os Motoboy – Profissão Repórter especial. *Motos blog*. Postado em 31 de agosto de 2007. Disponível em <<http://www.motosblog.com.br>>. Acesso em novembro de 2011.

RODRIGUES, Cris. Demorou, mas o Profissão Repórter finalmente mostrou a que veio. E muito bem. *Jornalismo B*. Disponível em <<http://jornalismob.com/tag/responsabilidade/>>. Acesso em novembro de 2011.

SÁ, Décio. Profissão Repórter mostra insegurança e atentados a juizes nos fóruns do Maranhão. *Blog do Décio*. Postado em 24 de agosto de 2011. Disponível em: <<http://www.blogdodecio.com.br/2011/08/24/profissao-reporter-mostra-inseguranca-e-atentado-a-juizes-e-foruns-no-ma/>>. Acesso em novembro de 2011.

SILVA, Alexandre da Silva. A culpa é dos professores. *Observatório da Imprensa*. Postado em 14 de dezembro de 2010, na edição 620. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/a_culpa_e_dos_professores__23221>. . Acesso em novembro de 2011.

SOEIRO, Rachel Esteves. Relatos sobre primeiro contato com a imprensa. *Diário de Bordo Médicos Sem Fronteiras*. Guidam Roudji, 20 de dezembro de 2011. Disponível em <<http://m.msf.org.br/DiarioDeBordoDetalhe.aspx?idDiarioBordo=309>>. Acesso em novembro de 2011.

UOL. "Profissão Repórter" apresenta "celebidades" da internet. *UOL*. Disponível em <<http://noticias.bol.uol.com.br/entretenimento/2011/11/08/profissao-reporter-apresenta-celebidades-da-internet.jhtm>>. Acesso em novembro de 2011.

VALDOSKI, Eduardo. Vale a pena assistir, Profissão Repórter nos protestos pelo mundo. *Edu Valdski*. Em 29 de novembro de 2011. Disponível em: <<http://eduvaldoski.wordpress.com/2011/11/29/vale-a-pena-assistir-profissao-reporter-nos-protestos-pelo-mundo/>>. Acesso em novembro de 2011.